

**MONOTONGAÇÃO E DITONGAÇÃO NO PORTUGUÊS:  
UM ESTUDO DIACRÔNICO**

*Claudinei Marques dos Santos* (UEMS)

[claudineims2013@outlook.com](mailto:claudineims2013@outlook.com)

*Miguél Eugênio Almeida* (UEMS)

[mealmeida\\_99@yahoo.com.br](mailto:mealmeida_99@yahoo.com.br)

*Marlon Leal Rodrigues* (UEMS)

[marlon@uems.br](mailto:marlon@uems.br)

**RESUMO**

Pesquisar o fenômeno da *monotongação* e da *ditongação* no contexto *histórico da língua portuguesa* (SILVA, 2010; TEYSSIER, 2004; COUTINHO, 1985; MATTOS E SILVA, 1991) é, evidentemente, mostrar que a língua é susceptível de mudança, que por trás dessa mudança linguística há todo um processo de evolução histórica (FARACO, 1998) pelo qual perpassou a língua portuguesa. Assim, essa pesquisa pretende abordar, ainda que de forma elementar, a questão da *monotongação* e da *ditongação* em português, a partir dos parâmetros da diacronia, com intuito de abordar a evolução desses fenômenos, que no passado coexistiram no latim e depois se fixaram também em línguas românicas; e ainda continuam a preexistir no português. Essas formas linguísticas têm uma historicidade que convencionalmente se perpetuaram por séculos nas práticas linguísticas dos indivíduos falantes. A *monotongação* é um fenômeno linguístico por meio do qual os ditongos sofrem um processo de apagamento da semivogal, isto é, reduzem-se a simples vogais. Um processo fonológico, em que se desfazem os ditongos na língua portuguesa; ao passo que a *ditongação* ocorre um processo inverso à *monotongação*, pois cria ditongos, preservando o padrão vocálico: *vogal e semivogal*. Desse modo, nessa pesquisa procuramos analisar em alguns textos antigos, a evolução da *monotongação* e da *ditongação* em português, a partir de uma perspectiva diacrônica.

**Palavras chave:** Ditongação. Monotongação. Evolução. Língua portuguesa.

**1. Considerações iniciais**

Pesquisar o fenômeno da *monotongação* e da *ditongação* no contexto histórico da língua portuguesa (SILVA, 2010; TEYSSIER, 2004; COUTINHO, 1985) é, evidentemente mostrar que a língua é susceptível de mudança, que por trás dessa mudança linguística há todo um processo de evolução histórica (FARACO, 1998; MATTOS E SILVA, 1991), que perpassou a língua portuguesa. Assim, essa pesquisa pretende abordar, ainda que de forma elementar, a questão da *monotongação* e da *ditongação* em português, a partir dos parâmetros da diacronia, com intuito de abordar a evolução desses fenômenos, que no passado coexistiram no la-

tim e depois se fixaram também em línguas românicas; e ainda continuam a preexistir no português. Essas formas linguísticas têm uma historicidade que convencionalmente se perpetuaram por séculos nas práticas linguísticas dos indivíduos falantes, isto é, são efetivamente processos históricos de construção que perpassam a língua ao longo do seu desenvolvimento.

Sabe-se que a *monotongaço* é um fenômeno linguístico por meio do qual os ditongos sofrem um processo de apagamento da semivogal, isto é, reduzem-se a simples vogais. Um processo fonológico, que se desfazem os ditongos na língua portuguesa; ao passo que a *ditongaço* ocorre um processo inverso à *monotongaço*, pois cria ditongos, preservando o padrão vocálico: *vogal e semivogal*. Para tal questão, não só há uma explicação linguística, como também uma fundamentação histórica, isto é, uma explicação onde marca os processos evolutivos do fenômeno, desde a passagem do latim ao português.

O que se pretende, pois, é fazer aqui uma análise diacrônica da *monotongaço*, e da *ditongaço*, isto é, a historicidade, os processos evolutivos que cercearam os fenômenos no contexto histórico e linguístico da língua portuguesa. Dessa forma, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar diacronicamente a evolução do fenômeno da *monotongaço* e da *ditongaço* no português, a partir de formas linguísticas produzidas ao longo da história da língua, uma vez que esta é originária do latim vulgar disseminado na península Ibérica e conseqüentemente perpetuado nas línguas neolatinas, sobretudo o português.

Objetivo específico para tal pesquisa é a análise do fenômeno da *monotongaço* e da *ditongaço* na língua portuguesa ao longo de sua história; Assim, analisaremos as raízes histórias de constituição dos fenômenos linguísticos.

O *corpus* desta pesquisa subjacente à *monotongaço* e a *ditongaço* compreende alguns textos antigos e mais modernos.

Como proposta metodológica, segue-se a orientação de Faraco (1998, p. 75) para o qual, ao se fazer um estudo histórico das línguas pela 2ª via: *voltar ao passado* para entender o presente, isto é, fazer uma pesquisa diacrônica analisando a evolução, os processos linguísticos, que determinaram o surgimento da *monotongaço* e da *ditongaço* (SILVA, 2010; TEYSSIER, 2004; COUTINHO, 1985). Para tal, pretende-se analisar alguns textos antigos, e modernos de forma a compreender evolução da *monotongaço* e ditongaço na língua portuguesa. Nesse sentido, essa

pesquisa concernente à *monotongação* e a *ditongação*, utiliza a abordagem metodológica apontada por Faraco (1985).

## **2. Uma breve história da língua portuguesa**

A formação histórica da língua portuguesa (TEYSSIER, 2004) só se pode entender, a partir do momento que o império romano invade a Península Ibérica no ano 218 a. C., com objetivo de colonizá-la, ou melhor, de romanizá-la. Nesse espaço é que surgiu a língua portuguesa. Os romanos ao desembarcarem ali, no ano 218 a.C., iniciam uma guerra com os povos que habitavam a Península Ibérica, como os cartagineses, um povo ligado à descendência grega e fenícia tanto referente à língua quanto ao sangue, porém eles foram derrotados em 209. A partir daí, os romanos iniciam o seu processo de dominação e conquista da Península.

De início, havia apenas o latim, como língua oficial romana e depois essa língua transforma-se num instrumento literário, o chamado latim clássico no século III a.C. Surge-se, com isso, o aparecimento dos primeiros escritores romanos, que criam um padrão de escrita e estética literária do qual a elite romana se fixa como forma de comunicação e norma de prestígio. Segundo Coutinho (1976, p.26) o latim clássico é uma língua escrita, cujas características verifica-se pelo "apuro do vocabulário", "pela correção vocabular" e "pela elegância do estilo". No entanto, à medida que a língua se desenvolvia na sociedade romana, sobretudo na fala de pessoas incultas, mais desfavorecidas, surgiam aí, transformações fonéticas na fala popular, que rompia com a norma, tão prestigiada na sociedade romana, os chamados romanços, que é, na realidade, o latim vulgar, que ao longo do tempo passou até ser falado no império romano. E, conseqüentemente, por todos os tipos de pessoas das diferentes classes sociais: soldados, marinheiros, agricultores, barbeiros, sapateiros, taverneiros, artistas de circos, homens livres e escravos enfim todas um a multidão de pessoas.

Foi, pois, esse latim vulgar que os soldados romanos introduziram na Lusitânia, região situada ao ocidente da Península Ibérica, que deu origem ao idioma português. Vários povos de diferentes etnias contribuíram de certa forma para essa formação: desde os germânicos (vândalos, suevos e visigodos) e mais tarde os muçulmanos que trouxeram toda uma "bagagem" cultural à língua portuguesa. De acordo com o filólogo Paul Teyssier,

no que diz respeito à língua e à cultura, a contribuição dos suevos e visigodos foi mínima. Tiveram um papel particularmente negativo: com eles a unidade romana rompe-se definitivamente e as forças centrífugas vão preponderar sobre as de coesão. (TEYSSIER, 2004, p. 05).

Com essa miscigenação linguística no território Ibérico, de diferentes povos e culturas, os processos de transformação "entram em estado de progresso". É o que Faraco (1985, p. 42) diz a respeito dos "superestratos". Segundo ele, esse *superestrato* é o mesmo processo que se deu, quando os povos germânicos invadiram o império romano e, posteriormente, adotaram o latim como língua, ou seja, os povos germânicos, como é frequentemente numa invasão, ao invés de imporem sua língua como preponderante, e aniquilar a língua do perdedor, assumiu o latim como língua e manteve suas raízes históricas.

No ano 711 os muçulmanos, ao invadiram a Península Ibérica, e a conquistarem, sobretudo aí, na parte que concernem à *Lusitania* e à *Gal-laecia* e deixam significativas contribuições culturais; já que esses mulçumanos tinham o Islão como religião e o árabe como língua de cultura, o que, com isso contribuíram significativamente para constituição da língua portuguesa, sobretudo referente ao léxico. Palavras como alface, açafraão, acelga, açougue, café etc., estão presentes na língua. Por outro lado, essa invasão muçulmana foram acontecimentos determinantes para formação de três línguas peninsulares: o galego-português ao oeste que mais tarde transformou-se no português moderno, o castelhano centro (espanhol) e o catalão a leste. Mas essa invasão muçulmana, apesar de significativa, não permaneceu por muito tempo no território da Península, pois os cristãos os expulsam para sul. Essa reconquista dos cristãos provocou no século XII o nascimento da nação portuguesa, mais precisamente, o estado português.

Teyssier (2004, p. 06) argumenta que "nas regiões setentrionais, onde se formaram os reinos cristãos a influência linguística e cultural muçulmana" tinha sido evidentemente, mais fraca que nas demais regiões", apesar de os mulçumanos não terem influenciado completamente a língua portuguesa, não quer dizer que suas contribuições linguísticas deixem de ser significativas à língua. Teyssier (2004, p. 6) ainda argumenta que "no oeste a marca árabe-islâmica é muito superficial ao norte de Douro", isto é, que as heranças linguísticas e culturais são mais profundas nessa região, em que a sua cultura e os modos de vida estão arraigados na fala dos indivíduos. Essa região, sobre a qual pondera o autor, localiza-se hoje, a Galícia, ao extremo no norte de Portugal. Entretanto, à medida que se vai em direção ao sul, tal influência linguístico-cultural,

vai diminuindo, sendo apenas mais profunda e duradoura do Mondego ao Algarve. Sendo assim, foi na primeira dessas regiões ao norte de Douro que se formou a língua galego-portuguesa, cujos primeiros textos surgiram no século XIII.

Com a reconquista cristã das mãos dos árabes, houve uma importante movimentação de povos, que no passado fugiram para não ser aniquilados pelos muçulmanos. Agora com soberania cristã, os territórios começam a ser repovoados, principalmente por povos que vêm do norte. É nessa movimentação de povos que o galego-português conseguiu ocupar toda a parte meridional do território português, que hoje é Portugal. E conseqüentemente, no correr dessa migração/imigração os processos de perda e ganhos de fonemas andam em paralelo à língua, ou seja, gradativamente à língua galego-portuguesa, com todos os elementos alógenos participantes do repovoamento dos territórios, e alguns outros povos de origem muçulmana, que ficaram por aí, sofre um processo evolutivo, muda-se para o português, que convencionalmente mais tarde veio chamar-se de língua portuguesa.

### **3. *Monotongação e ditongação no português: um estudo diacrônico***

Já é sabido que as línguas humanas não são processos estáticos e, sim, susceptíveis de mudanças, de transformações que configuram os paradigmas linguísticos, fazendo com que a língua se altere continuamente no tempo, de tal forma que os indivíduos normalmente não têm consciência dessas mutações. Esse processo é determinado por diferentes fatores sociais (sexo, idade, classe social etc.) e outros subjacentes às próprias dinâmicas das línguas naturais.

Faraco (1985, p. 37) analisa dois fatores que explicam essa mudança na língua: a história interna e história externa.

Para ele história interna corresponde “o conjunto de mudanças ocorridas na organização estrutural da língua no eixo do tempo; ao passo que a mudança externa” corresponde a história da língua no contexto social, político, econômico e cultural da sociedade com a qual está relacionada”. Ou seja, os primeiros processos de mudança relacionam-se com questão das línguas naturais como, por exemplo: as consoantes surdas latinas /p/, /t/, /k/ e /f/, quando intervocálicas, num determinado contexto estrutural, transmudaram-se em sonoras /b/, /d/, /g/ e /v/ (Cf. FARACO, 1985, p. 60). O que mostra uma tendência das línguas naturais; por outro

lado, a questão da história externa subjaz à mudança linguística em ambientes sociais e políticos, como a questão da variação linguística, ou melhor, o conjunto de variedades que surgem num determinado contexto social, condicionada por fatores extralinguísticos, como sexo, idade e classe social etc.

Desse modo, quando se pauta numa perspectiva diacrônica de análise da língua, busca-se, assim, analisar a evolução de uma determinada forma linguística ao longo da história, os processos de transformação, configuração e mutação dos fenômenos linguísticos; no concerne a esta pesquisa, no qual se pretende analisar o fenômeno da *monotongação* e da *ditongação*, que são fenômenos que produzem mudanças linguísticas e que contribuem efetivamente para evolução da língua de um povo, de uma cultura dada.

Partindo desses princípios, entende-se o ditongo como uma sequência de sons vocálicos em que um dos seguimentos é visto como vogal por ter o som mais longo e outro um pouco mais fraco, como semivogal. Sabe-se que o ditongo, no caso da língua portuguesa, é um elemento linguístico de origem latina que está presente em praticamente em todas as línguas naturais, constituído por vogal e uma semivogal. Entretanto, como quase toda evolução, produz-se mudança no sistema linguístico, certos fenômenos, como a *monotongação* e a *ditongação*, ou seja, ora o ditongo, como elemento linguístico pode monotongar-se, isto é, apagar a semivogal no vocábulo, ora pode ditongar-se, criar ditongos no vocábulo, e assim produzir mudança no paradigma vocálico das línguas.

Os ditongos precedidos dos *glides* (w) e (y), representando as semivogais (i; u) sofrem um processo de apagamento, ficando apenas vogal, o que o torna, pois, um monotongo. Na ditongação mantêm-se, no entanto, os *glydes* (w) e (y), com intuito de produzir ditongos. Silva (2010, p. 69) concebe *monotongação* a partir de exemplos extraídos do latim, como "a simplificação de um ditongo em uma vogal". (Ex.: fructu > fruto (arcaico) > fruto. E a ditongação (SILVA, 2010, p. 61) como o "desdobramento até criar um ditongo". Exemplo: vena > vea > veia. Ao longo dos tempos, as vogais /ɛ/ e /ɔ/ se evoluíram diferentemente em vários idiomas falados na Península Ibérica, principalmente no castelhano, aragonês e asturiano nas quais ditongaram /ɛ/ > /je/ e /ɔ/ > /we/, na rponúncia *tierra, fuego*. Nas outras línguas, como o português, galego, e o catalão a ditongação não ocorreu, as vogais passaram para estas línguas inalteradas (em português e galego – *terra, fogo* ou em catalão – *terra*, ou seja, monotongadas (HRICSINA, 2013, p. 22).

Historicamente, a *monotongação* e a *ditongação* são fenômenos linguísticos com “raízes” da fala popular, que se perpetuou na história e ainda continua a produzir mudança nas línguas neolatinas. Desde a propagação do latim vulgar, na fala de indivíduos falantes de diferentes classes sociais, quando o império romano impôs a sua hegemonia e conseqüentemente a sua língua, e com elas as formas e elementos linguísticos, iniciaram-se assim os processos de mutabilidade.

Cristofolini (2011, p. 3) *apud* Paiva (1996), ensina que

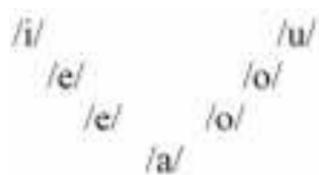
a monotongação é um processo fonético de larga extensão no português, tanto do ponto de vista sincrônico (evolução do latim) quanto diacrônico (considerando possibilidade do ditongo ser constituído por dois núcleos silábicos consecutivos ou um núcleo silábico modificado pela semivogal). (PAIVA 1996 *apud* CRISTOFOLINI, 2011, p. 3)

Já a ditongação, segundo, Aragão (2000, p. 01), “é um fenômeno essencialmente fonético causado por necessidades eufônicas, não tendo, assim existência no sistema da língua, mas sua realização na fala”. Embora a ditongação seja um fenômeno de natureza social, não tendo existência da língua, não quer dizer que ao longo da história não teve, já que há fonemas que chegam a um dado estado de língua moderna, totalmente modificada pelo tempo, subjacente à fala popular, do mesmo modo que o latim foi modificado na fala popular, as línguas neolatinas sofreram esse processo de mutabilidade. Ex.: *aequale* > *igual*, *aetate* > *idade*, *aestivo* > *estio*, *caecu* > *cego*; *sepis* < *saepis*, *clostrum* < *claustrum*; *nocte* > *noite*; *regnu* > *reino*, *absentia* > *ausência*, *conceptu* > *conceito*. Nesses exemplos pode-se perceber as ditongações que ocorreram na passagem do latim para português ou mesmo da passagem do clássico para o latim vulgar, em que as vogais latinas se transformaram em ditongo, ou melhor, ditongaram-se.

Desde a invasão de outros povos de culturas e línguas diferentes, esse processo de mutabilidade, de transformação, ganhou existência própria, a partir da constituição de dialetos, como galego-português, que mais tarde se tornaria a língua portuguesa. Tal língua subjaz ao Latim vulgar implementado na Península Ibérica, que historicamente não só influenciou as línguas, como também lhe deu uma “estrutura”, uma forma e uma origem. Um princípio que assumiu no passado pelo galego-português, foi as realizações fonéticas dos ditongos com timbres final em *glyde* y (ai, ei, oi, ui). Ex.: primeiro, coita, fruto; ou com timbre terminado em *glyde* (w): au, eu, ou, iu (w). Ex.: vendeu, cautivo, cousa. Quanto às vogais nasais, /i/, /e/, /a/, /o/ e /u/ são nasalizadas por uma consoan-

te nasal implosiva, isto é, seguida de outras consoantes. Ex.: pinto, sente, campo, longo, mundo, porém, desde o galego-português, começaram aparecer nesta posição grafias em (-m) isto é, “quen” passa a “quem”, ou “cantan” a “cantam”. (Cf. TEYSSIER, 2004, p. 25).

No latim clássico havia cinco vogais breves (Ā, Ĕ, Ī, Ō, Ū) e cinco vogais longas (Ā, Ē, Ī, Ō, Ū), ou seja, uma vogal breve e uma longa para cada timbre, o que correspondiam um total dez vogais. Porém, no latim imperial perde essa oposição de quantidade, mas manteve as oposições de timbre resultante dos vários graus de abertura e, conseqüentemente as línguas neolatinas assumiram essa multiplicidade de abertura do timbre. Ficando assim com cinco vogais e sete sons vocálicos, que no português atual é representado no sistema fonológico como: /a/ é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/, ou seja, as dez vogais do latim clássico foram substituídas por sete vogais no latim imperial.



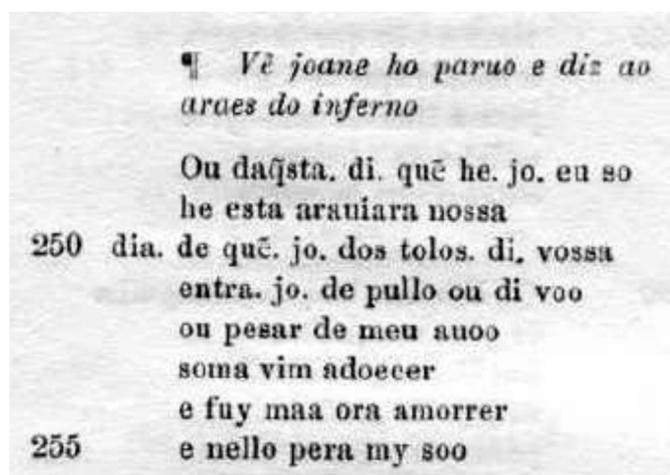
Esse sistema de vogais orais foi assumido no galego-português medieval e também pelo português atual. No entanto, segundo Teyssier (2004, p. 14):

Na península Ibérica, as vogais abertas [e] e [o], oriundas das antigas vogais breves [Ĕ] e [Ō] do latim clássico, ditongaram-se, segundo tônicas, diversas posições: [e] e passa [ee] e finalmente ie; ex.: *petra* > cast. *pedra*; [o] passa a [oo], depois a uo e finalmente a ue; ex.: > cast. *nueve*. O galego-português ignorará esta ditongação e dirá, respectivamente, *pedra* com[e]. As condições em que se operou a ditongação em castelhano são complexas. Mas uma forte tendência geral domina o conjunto dos fatos: o galego-português isola-se de todos os outros falares da Península, e em particular do castelhano, por lhe ser totalmente desconhecida ditongação de [e] e [o]. (TEYSSIER, 2004, p. 14).

Entretanto, se no galego-português a *ditongação*, como um fenômeno fonético caracterizado pela atividade linguística de produzir ditongos, é teoricamente difícil de acontecer, a *monotongação*, contudo, não o é, já que aparece em outras línguas, inclusive no próprio galego-português, que ao longo dos processos históricos e sociais metamorfoseou-se no português e, como consequência herdou segmento já monotongados. Mas, um fato interessante da *monotongação* é que ela é um fenômeno completamente social nas línguas. Hricsina (2013, p. 208) referente à monotongação explica que,

Esta mudança afeta principalmente os ditongos originais (primários). Os ditongos em questão são os seguintes: /ae/ > /ɜ/ (do século II), /oe/ > /e/ (desde a segunda metade do século I) a /au/ > /o/ (esta mudança foi registada em Roma já em meados do século II a. C.) (*caecus* – *caecum* > /kɛko/ > /k`ɛgo/ > /tʃego/, *poena* – *poenam* > /penal/, *aut* (nebo) > /out/ > /ou/ > /o/). Na Península Ibérica, este fenómeno expandiu-se mais tarde do que nas outras partes da România. É só em finais do século X que nos documentos escritos podemos registar os monotongos. Esta tendência está bem documentada, por exemplo, nas Glosas Silenses (*pauca* > *poca*, *causa* > *cosa*). Nestas palavras, o ditongo /aw/ é original (primário). Deste ditongo primário distinguem-se os ditongos secundários, ou seja, ditongos que se formaram ou por meio de síncope (queda) duma consoante ou pela vocalização da consoante /l/ que seguia a vogal /a/ na sílaba travada (*cantāvit* (zpvival) > /kantaw:t/ > /kantaw:/ > /kanto:/, *alteru* (jiný) > /a:ltru/ > /aw:tru/ > /o:tru/). Em muitas palavras, o ditongo primário /aw/ passou a ser monotongo (*augustus* > *agustus*, *auscultare* > *ascultare*).

Salienta ainda Hricsina (2013, p. 209) que no latim vulgar falado no território em que, atualmente fica Portugal, “a monotongação do ditongo /aw/ não ocorreu, tendo este transformado no ditongo /ow/ pela atuação da assimilação (a vogal /w/ alta fez elevar a /a/ baixa – /a/ > /o/ – *causa* > *cousa*, *autro* > *outro*, *cantau* > *cantou*)”. O que significa que, embora, tenha se disseminando no português, não quer dizer que atingiu todas as regiões, onde latim foi transplantado. De forma geral, a monotongação é um fenómeno de origem latina, que além de se repercutir-se em outras línguas, inclusive no português, em oposição à norma padrão, tendo sua manifestação na fala. Ex.: (*effectu* > *efeito*, *braciu* > *braço*, *auricula* > *ouricla* > *orelha*)



Maia (1986, p. 426) nos seus estudos concernente às ocorrências da semivogal /u/ do XIII ao XVI (*guardar*, *quanto*, *qual*, *quarto*, *quantia*, *quartos*, *quando*) ocorrem segunda ela onze vezes, *agoa*, *agoardente*, *mengoa*. Porém, baseando em estudos mais atualizados da semivogal /u/, autora mostra que grafia perdeu a semivogal: *gardar*, *agardente*, *calquer*,

catorze, realização que segundo ela é habitual hoje no galego e nos dialetos populares de Minho.

Como se vê, nos séculos XIII-XVI, a semivogal mantinha o padrão ditongado, vogal e semivogal, entretanto, numa realização moderna da língua ocorreu a monotongação nos seguimentos, perdendo assim a semivogal.

Convém enfatizar que na linguagem emprega pelos os personagens de Gil Vicente, principalmente aproximadamente no início do XVI, constata-se ocorrências de seguimentos monotongados. Como por exemplo, variação da 1ª pessoa do singular do indicativo presente do verbo *Ser*. A forma latina *SŪM* resultou no português antigo como *SOM*. Esta forma, no entanto, transformou-se em terminações nasais [ãw], isto é, vogais nasais. Com isso, a forma *SOM* passou a ser grafada no português moderno como São. Assim surgiu a forma monotongada *SO* ou *SOO* resultado provavelmente de uma pronúncia meridional monotongada de *SOU*. Como se pode ver texto a baixo, em que os personagens, na obra de *Auto da Freira*, empregam o verbo *SO* representando *SOU ESTOU* monotongado em [i] inserido no período clássico da língua portuguesa.

Pereira, (2004, p. 18) postula que, o português do século XVI, representado por *Os Lusíadas*, de Luiz de Camões, já manifestava palavras monotongadas, com o apagamento de semivogais como "fenômeno natural e espontâneo. Ou e, seja, Camões já apagava, em uma série de palavras, as semivogais /j/ e /w/ em ditongos orais do português do século XVI". Como se pode ver no fragmento abaixo do canto nono de *Os Lusíadas*, de Luiz de Camões:

Mas neste passo a ninfa, o som canoro  
**Abaxando**, fez ronco e entristecido,  
Cantando em **baxa** voz, envolta em choro,  
O grande esforço mal agardecido.  
Ó belisário (disse) que no coro  
Das Musas serás sempre engrandecido,  
Se em ti viste o bravo Marte,  
Aqui tens com quem podes consolar-te.  
Aqui tens companheiros assi nos feitos  
Como no galardão injusto e duro;  
Em ti e nele veremos altos peitos.  
A **baxo** estado vir, humilde escuro.

Esse apagamento do *glyde* (semivogal) é uma herança fonológica do galego-português, que Camões ainda no século XVI se apropriara pa-

ra escrever a sua obra. Observa-se neste canto de *Os Lusíadas*: as palavras *abaxando*, *baxa*, *baxo*, que se monotongam num contexto histórico e linguístico, ainda perpassando pela influência galego-portuguesa. Lorenzo (1968, p. 01) transcreve o vocábulo *abaxar* sem a semivogal, e Camões no século XVI assumia essa realização, sem essa semivogal, que é articulado no português contemporâneo como *abaixar*, *baixar*, *baixo*. Lorenzo (1968) salienta que esses vocábulos são de 1661, quando Portugal estava reconfigurando sua identidade linguística. No português contemporâneo, esses vocábulos se ditongaram, ou seja, se em 1661 havia o vocábulo *abaxa*, *baxa*, *baxo*, que gramática latina denominava de adjetivo e verbos, significando uma característica de alguém ou de alguma coisa, ou marcando um processo verbal, ditongaram-se, de simples vogais a ditongos, formando assim os vocábulos *abaixar*, *baixo* e *baixa*. Como se pode perceber textos abaixo.

E naquelas montanhas vaporosas e negras rasgaram-se de alto a baixo em fendas semelhante a algares profundos, e seus fragmentos informantes e cambiantes vacilavam trêmulo em ascensão diagonal para as alturas do céu. (HERCULANO, 1844. p. 58)

Manuelzinho estava pasmado. Era a primeira vez que no Brasil lhe falavam com aquela ternura. Levantou a cabeça e encarou Ana Rosa; ele, que tinha sempre o olhar baixo e terrestre, procurou, sem vacilar, os olhos da rapariga e fitou-os, cheio de confiança, sentindo por ela um súbito respeito, uma espécie de adoração inesperada. (AZEVEDO, 1983, p. 37).

Assim, o ditongo em português formado por um vogal e semivogal, que é padrão vocálico reduz-se a uma vogal na fala, sem bem que Camões influenciou de maneira tal a, que construções monotongadas, de origem popular como a que se constatam a cima eram reproduções da fala popular da sua época, que ele transcrevia em sua epopeia. Essa variante na obra Camoniana no século XVI, em que a semivogal /i/, era evidentemente apagada, num contexto fonológico influenciado pela realização da fala popular (*Id.*), ou seja, influenciada pela língua galego-portuguesa, ainda presente, mesmo após a constituição do Estado Português no século XII.

Assim as variantes *abaxando*, *baxa*, *baxo* ditongaram-se no português moderno e realizam-se fonologicamente como /ai/ (*abaixar*, *baixo*, *baixa*). Um processo de mutabilidade que começou com o apagamento do *glyde* (y) e evoluiu-se, isto é, ditongou-se de simples vogal (monotongo) para uma realização em /ai/ (ditongado). Apesar de a gramática tradicional postular como padrão vocálico, como sendo uma vogal seguida i/u/ e, se porventura tal padrão apagar-se, for reduzido apenas a uma vo-

gal, de acordo com essa gramática, tal postulado será errôneo, porém não é o que (PEREIRA, 2004, p.20) citando (BISOL, 1989) o filólogo diz. Segundo ele.

Na representação ortográfica/gramatical estabeleceu-se como “regra” a interpretação do ditongo como uma vogal seguida de *i* ou *u*. No que diz respeito ao traço “palatal” a questão envolve o que Bisol (1989) chama de “falso ditongo” ou ditongo derivado, que é o caso destes ditongos que passam a monotongo (peixe, peixe e não pauta \*pata, reitor \*retor).

Ela diz que esses ditongos surgem por causa da proximidade da consoante palatal que o segue:

a) [S] “x” “fricativa alveopalatal surda” *c[aj]xa* [ÈkajSOE]; e

b) [Z] “j” “fricativa alveopalatal sonora” *band[ej]ja* [ba)ÈdejZOE]

Segundo Bisol, isto acontece porque estas consoantes têm o que se chama articulação secundária: uma consoante que possui tanto traços consonantais propriamente ditos quanto traços vocálicos. O traço vocálico da palatal então se espalha em contextos específicos: precedido de /e/ou /a/ (Geometria de traços) (BISOL 1989 *apud* PEREIRA, 2004, p. 20)

Ou seja, se um falante da língua portuguesa realizar uma vogal simples, em vez de (ai) ditongo, (peixe por por peixe), tal concepção será errônea do ponto de vista da gramática tradicional. Mas isso, segundo o autor a cima, “surgem por causa da proximidade da consoante palatal,” que por semelhança de fonemas, apaga um som e insere outro correlacionado, o que, no entanto, a gramática tradicional o vê como “erro”, mas linguisticamente não é, (BAGNO, 2010), pois só há erros linguísticos, quando o falante não entende o que outro diz.

Contemporaneamente a língua portuguesa possui modernamente 36 ditongos, dos quais quinze decrescentes e vinte um (*Id.*) crescentes. Esses ditongos ficam assim organizados

### **Decrescente**

Orais: [ay, ey, oy, uy, aw, ew, iw];

Nasais: [ãy, ãy, ãy, õy, õy]

### **Crescentes**

Orais: [ya, ye, yi, yo, yu, wa, we, wi, wo, wu]

Nasais: [yã, yẽ, õy, wã, wẽ, wĩ, wõ]

Já Teyssier, (2004) diz que o ditongo ou [ow] passou a [o] no atual português comum. Isso, segundo o autor,

começou provavelmente a manifestar-se no século XVII e invadiu todo o sul e a maior parte do centro de Portugal. No interior da zona de monotongação sobrevive, no distrito de Leiria, uma pequena área e que ou o ou se conservou. Verificamos mais uma vez que, com essa monotongação, uma invasão vinda do Sul se impôs ao português comum e rechachou em direção do norte o antigo uso, marginalizando-o. Todas palavras que possuem por esse fenômeno. Mas algumas delas ou foi substituído por oi, do que resultaram hoje os pares ou-o; ex.: touro, toiro; ouro, oiro; cousa, coisa. O surgimento dessa variante está ligada à monotongação. (TEYSSIER, 2004, p. 63).

Essa realização fonética de [ou] para [oi] em palavra (cousa, coisa) emerge no português de Portugal e sucessivamente para o português do Brasil, principalmente no realismo e romantismo, escolas literárias que propagaram uma metrificacão e um estilo de escrever inerente ao modelo português, no entanto, antes mesmo de ir para o Brasil Gil Vicente, no teatro, já introduzia na fala dos seus personagens a oposiçãõ ou/o, monotongados. Ou seja, (ou) como variante de (oi). O português brasileiro do mesmo modo que nas outras línguas herdou essa tendência latina de eliminar ditongos. Bittencour, (2012, p. 3) referente a isso, diz que Mattoso Câmara, conforme o linguista, a seguir, já havia percebido essa tendência em meados do século passado, no português falado no Brasil.

Em seu artigo Erros escolares como sintomas de tendências linguísticas no português do Rio de Janeiro, o autor analisou sessenta redações de crianças de 11 a 13 anos de uma escola carioca, e os dados mostraram uma série de características fonéticas da fala desses alunos. Dentre elas estão: anulaçãõ da oposiçãõ entre ditongo /ow/ e /o/ fechado (loro, popa por louro, poupa); e anulaçãõ entre a oposiçãõ entre /ey/ e /i/ fechado, seguintes de chiante na sílaba seguinte (peixe por peixe) (BITTENCOURT, 2012, p. 3).

Esses estudos de Mattoso Câmara concernem ao Rio de Janeiro, mas as outras regiões do Brasil como, por exemplo, a regiãõ Sul pesquisada por Bitencourt, (2012) onde está localizada Florianópolis, Estado de Santa Catarina, há também o pagamento do (*glyde*); palavras como *caixa*, *tesoura*, *manteiga* e *companheiro* eliminam o (*glyde*) na fala dos sujeitos falantes ficam assim: *caxa*, *tesora*, *mantega* e *companhero*, ou seja, um conjunto de variabilidade na fala de sujeito falantes do português do Brasil. Já (CASTILHO, 2004, p. 249) examina dois tipos de *monotongaçãõ* que ocorre com muita frequência no português brasileiro: o primeiro é desnasalizaçãõ e monotongaçãõ de ditongos nasais, como por exemplo: *hómi* por *homem*, *falarú* por *falaram*; o segundo refere-se a *monotongaçãõ* de ditongos crescentes átonos em posiçãõ final: por exemplo: *ciência* por *ciência*, *esperiença* por *experiência*, *negoço* por *negócio*. O que se pode perceber é que os fenômenos da *monotongaçãõ* e da *ditongaçãõ* es-

tão influenciando o paradigma vocálico da língua portuguesa, ora monotonga-se como os exemplos acima, regredindo a uma simples vogais, ora ditonga-se ex. *rapaz* por *rapais*; *nós* por *nois*, mudando na fala o paradigma vocálico do português do Brasil é este:

altas /i/	/u/ altas
/ê/	/ô/
médias /ê/	/ó/ médias
baixas /a/	baixas
anteriores	

Sabe-se que os estudos referentes ao português brasileiro começaram (CASTILHO, 2004) no Brasil com a perspectiva de querer comparar o português brasileiro com o português europeu, num texto escrito para o Etnográfico do Globo, de Adrien Balbi (1824-1825), Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, quem deram início à questão da língua brasileira. A questão da variabilidade da língua portuguesa foi colocada em questão, foi alva de indagação por parte dos pesquisadores. Desde então, há várias pesquisas dentro da sociolinguística e da dialetologia que escutam o português brasileiro.

#### 4. *Considerações finais*

Pesquisar a *monotongação* e *ditongação* no português, numa perspectiva diacrônica, é trazer à tona o fato de que a língua e tem uma historicidade, que a perpassa. E nessa pesquisa pode-se compreender que a *monotongação* e a *ditongação* são fenômenos linguísticos completamente sociais. Surgem na fala dos sujeitos falantes ao longo de processos de históricos. Do mesmo modo que o latim vulgar, com suas invasões e modificações determinaram a formação do galego-português, de onde, por sua vez, originou a língua portuguesa que historicamente, passou por um longo processo evolutivo, se reconstruindo e modificando-se na fala popular.

E nessa pesquisa, pois, analisou-se a evolução da monotongação e ditongação no português, partir de alguns fragmentos de textos antigos, em latim vulgar, em Galego-português e no português moderno. Como as variantes monotongadas *abaxando*, *baxo* e *baixa* que estavam representadas na obra *Os Lusíadas*, de Camões, e que por sua vez ditongaram-se no português moderno na obra *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano, e na obra *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo em plena era moderna. E também em textos de Gil Vicente fixado ainda no português antigo, em

especial, na obra *Auto da Freira*, que apresentava algumas ocorrências do verbo *ser* monotongados.

Dessa forma, essas variantes evoluíram no português, passando de uma forma em que se apagava o *glyde*, y isto é, a semivogal (i) no português arcaico para outra ditongada (ai) no português moderno, o que significa que a língua é histórica e social, pois evolui na fala dos sujeitos falantes, se configurando ao passar de uma língua para outra, e de um contexto histórico para outro, até se reproduzida na fala social.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMÕES, Luiz. *Os lusíadas*. 4. ed. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros/Instituto Camões, 2000.

CASTILHO, A. T. O português do Brasil. In: ILARI, R. *Linguística românica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos da gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CRISTOFOLINI, Carla. Estudo da monotongação de [ow] no falar florianopolitano: numa perspectiva da sociolinguística acústica. Universidade Federal de Santa Catarina. *Revista ABRALIN*, 10, n. 1, p. 205-229, jan./jun.2011. Disponível em: <<http://www.abralin.org/site/data/uploads/revistas/2011-vol-10-n-1/carla-cristofolini1.pdf>>.

FARACO, Carlos Alberto Faraco. *Linguística histórica*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*. Biblioteca Virtual Brasileira. Escola do Futuro da Universidade de São Paulo.

HRICSINA, Jan. Evolução do sistema vocálico do latim clássico ao português moderno: tentativa da verificação *in corpora*. *Études Romanes de Brno*, vol. 34, n, 2, p. 205-225, 2013.

LORENZO, Ramón. *Sobre a cronologia do galego-português: anotações ao Dicionário Etimológico de José Pedro Machado*. Vigo: Galaxia, 1968.

PEREIRA, Gerusa. *Monotongos dos ditongos no português falado em Tubarão (SC): estudos de casos*, 2004. 134f. Dissertação (de mestrado em linguística). – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

SILVA, José Pereira. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2010.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Martins Fonte, 2004.